

CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

ACTAS DO I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO-DOURO E BEIRA BAIXA
(ANO DE 2004)

ISBN 972-8763-15-8



9 789728 763152

PUBLICAÇÃO ANUAL ALCARDO DO
CULTURAIS DA CAMARÁ MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FIM

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 7 · ANO DE 2005

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

(Este número da Côavisão publica exclusivamente as Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 29 de Abril e 2 de Maio de 2004, áreas dos Concelhos de Meda e Vila Nova de Foz Côa)



Foto da capa:

Rio Douro – Lugar do Torrão

Composição e impressão:

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Côa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-15-8

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2005

Índice

Prefácio	5
Introdução	7
“Povoações Romanas da Beira Transmontana e Alto Douro” <i>Jorge de Alarcão</i>	9
“Existe uma ocupação Proto-Histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Alguma notas sobre esta questão” <i>Dulcineia Cândida Bernardo Pinto</i>	19
“Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa – balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa” <i>Luís Luís</i>	31
“Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico” <i>Vitor Oliveira Jorge...e outros</i>	61
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) – reflexões sobre fases e contextos” <i>Susana Oliveira Jorge... e outros</i>	69
“Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho” <i>Marcos Osório</i>	81
“O troço desactivado da linha do Douro (Pocinho – La Fuente de San Esteban): um caso de Património Arqueológico Ferroviário a defender” <i>Carlos Abreu</i>	101
“O Esteio gravado do Cabeço do Bique (Perafite, Vila Verde, Alijó)” <i>Francisco Monteiro Faure e Eliana Miranda de Sousa</i>	133
“O Pentagrama de Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica” <i>Fernando Augusto Coimbra</i>	145
“Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC” <i>António Pedro Batarda Fernandes</i>	159
“Antiquários e Arqueólogos” <i>António Alberto Rodrigues Trábulo</i>	167
“A Pré-História Recente no Douro Sul. Um ensaio de Arqueologia Espacial” <i>António José Fernandes Heitor e Carla Isabel Dias Franco</i>	173
“A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes <i>Adriano Vasco Rodrigues</i>	179
“As fíbulas do Bronze Final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): problemática sobre produção local e de longa distância” <i>Salete da Ponte</i>	185
“Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios” <i>Manuel Sabino G. Perestrelo e Marcos Osório</i>	207

"Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu): uma aproximação à ocupação do povoado"	233
<i>Alexandre Canha</i>	
"O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001"	251
<i>António Chéney e Pedro Sobral de Carvalho</i>	
"A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa"	275
<i>J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães</i>	

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço sucinto de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico

VÍTOR OLIVEIRA JORGE ¹, JOÃO MURALHA CARDOSO ², LEONOR SOUSA PEREIRA ³, ANTÓNIO SÁ COIXÃO ⁴, ANA MARGARIDA VALE ⁵

*"...it is in the very process of dwelling that we built."
(Ingold, 2000, p.188)*

RESUMO

Apresenta-se de forma resumida a estação arqueológica de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) um sítio monumental datado da Pré-história Recente. Os autores realçam as técnicas e soluções construtivas identificadas ao longo de seis anos de trabalho (1998-2003) e procuram problematizar o processo interpretativo de espaços construídos como Castanheiro do Vento.

Palavras-chave: Técnicas construtivas; arquitectura; espaço.

ABSTRACT

The authors present, in a summarized way, the archaeological site of Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa, a monumental prehistoric site. The authors enhance the constructive techniques and solutions identified in the course of six years of work (1998-2003), trying to problematize the interpretative process of built spaces such as Castanheiro do Vento.

Key-words: Constructive techniques; architecture; space.

1. APRESENTAÇÃO – A ESTAÇÃO DE CASTANHEIRO DO VENTO ⁶

Localização: freguesia: Horta do Douro; concelho: Vila Nova de Foz Côa; distrito: Guarda; NE de Portugal.

Coordenadas geográficas: 41° 3' 49" Lat. N.

7° 19' 18" Long. W. Gr. (seg. a "Carta Militar de Portugal" na esc. de 1:25000, folha 140).

Implantação topográfica: situa-se no alto de um morro de planta subcircular, de substrato xistoso, à altitude absoluta de c. de 730 m, e convencionalmente delimitável, na base, pela curva de nível de 680 m.

¹ Faculdade de Letras (DCTP), Universidade do Porto. E-mail: vojorge@clix.pt

² Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. Bolseiro da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia. E-mail: muralha@netcabo.pt

³ Instituto Português de Arqueologia (extensão de Vila do Conde). E-mail: leonorsp@hotmail.com

⁴ ACDR, Freixo de Numão (Presidente da Direcção). E-mail: freixo.acdr@clix.pt

⁵ Estudante de Doutoramento, Universidade do Porto. E-mail: anavale@iol.pt

⁶ A apresentação da estação de Castanheiro do Vento é aqui realizada de forma muito sucinta tendo em consideração os trabalhos já publicados sobre este sítio pré-histórico. Neste sentido recomenda-se a consulta da bibliografia indicada, a fim de se obter considerações mais detalhadas, nomeadamente sobre a cronologia do sítio e sobre os vários elementos arquitectónicos já identificados e estudados.

Enquadramento cronológico: genericamente, o sítio data do Calcolítico/primeira metade da Idade do Bronze, entre c. de 2800 e 1500 a.C. No entanto, foram exumados raros materiais arqueológicos que apontam para fases mais tardias, como um fragmento de cerâmica com decoração excisa e um fragmento de peça em electro, que remetem para o Bronze Final ou mesmo para a Idade do Ferro. Algumas datas de C14, relacionadas com uma possível “estrutura de combustão”, entre várias que devem existir no local, reportam também à chamada Idade do Ferro.

Principais alinhamentos pétreos⁷: os trabalhos arqueológicos efectuados no sítio de Castanheiro do Vento desde 1998 permitiram detectar um alinhamento pétreo que aparentemente delimita um recinto “principal” (m1), ao qual se adossa um outro murete (m2) que perfaz um recinto mais pequeno localizado para SE da parte mais elevada da estação arqueológica. Em ambos os muretes identificaram-se estruturas subcirculares (quatro unidades adossadas ao murete 1 e duas ao murete 2) e, no m1, uma pequena estrutura circular pétreo, maciça. Os dois alinhamentos são ainda interrompidos por passagens ou entradas. Nas escavações desenvolvidas em 2004 detectou-se uma grande estrutura pétreo subcircular (possível entrada?) aparentemente integrada num outro alinhamento (basamento pétreo de um muro) que poderá circunscrever um novo recinto, implantado a uma cota superior. Ainda em 2004 e na periferia do provável alinhamento atrás mencionado, identificaram-se várias estruturas, entre as quais uma pequena estrutura sub-circular, delimitada por uma série de lajes de xisto fincadas. No seu interior foi possível detectar níveis de argila compacta e lajes de xisto azul dispostas em posição horizontal, e fragmentos cerâmicos (ainda em fase de estudo).

2. LEITURAS DO SÍTIO – TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

As técnicas construtivas detectadas em Castanheiro do Vento ao longo dos trabalhos arqueológicos aí efectuados são uma das múltiplas abordagens, uma das muitas questões que se desenvolvem entre nós e o sítio, num processo de interacção permanente. Assim tentamos uma descodificação da construção, ou seja, compreender as técnicas utilizadas na materialização deste sítio.

A pedra e a argila são as duas matérias-primas estruturadoras do espaço construído de Castanheiro do Vento, participando de forma indissociável em todas as etapas de construção, manutenção e “abandono” (ou fecho) do local.

O substrato geológico (xistoso), um potencial fornecedor de matéria-prima para as próprias construções, terá sido colmatado por um nível de argila, a fim de corrigir a morfologia irregular do terreno, argila essa que ao longo do tempo terá sofrido um processo de compactação.

E é sobre esta argila de colmatção que se erguem as estruturas pétreas, muros e estruturas subcirculares, recorrendo essencialmente a lajes de xisto e à argila, como um ligante, como uma espécie de “argamassa”, e provavelmente como revestimento destas infra-estruturas. Quase certamente seria também a argila a principal matéria-prima das construções que se desenvolviam em altura sobre os socos pétreos que agora pomos a descoberto.

A construção das estruturas pétreas (muros e estruturas subcirculares) envolve ainda um complexo sistema de sustentação e equilíbrio de forças, com a construção de taludes que, na sua forma mais óbvia, pressupõe a colocação de lajes de contrafortagem, ou seja, lajes de xisto directamente apoiadas na linha basal das estruturas.

De facto, uma das principais ideias que vem sendo sublinhada pela equipa de coordenação do projecto de investigação (ARQUEHOLFREN) que integra os trabalhos de Castanheiro do Vento, é a importância dos sistemas de contrafortagem (característica que parece ser descurada por muitos investigadores, que recorrem à ideia de “derrubes” para explicar situações que, para nós, são obviamente intencionais, conservadas, e não produto de decadência ou ruína de estruturas).

A contrafortagem dos muretes e das estruturas que se lhes encontram anexadas ou adossadas era assim realizada por um sistema de lajes de xisto perpendiculares à própria estrutura, lajes estas que eram, por sua vez, suportadas por um conjunto de lajes fincadas e/ou atravessadas transversalmente, com o objectivo de estabilizarem as estruturas. Toda uma rede de elementos, compondo um jogo de forças de sustentação, se estenderia assim pelas zonas de plano inclinado.

Esta primeira forma de construir é constituinte e estruturante dos taludes. Os taludes entendem-se como estruturas de contrafortagem, que suportavam muros e estruturas, e que provavelmente, a maior escala, circundavam as plataformas do sítio, hoje muito amputadas em relação à sua área provável original, que deveria incluir as encostas, onde tal sistema de plataformas e taludes terá possivelmente sido destruído pela eucaliptação e outras depredações.

⁷ As nomenclaturas adoptadas para a designação das estruturas exumadas seguiram apenas o carácter morfológico das mesmas. Assim, abandonou-se as designações convencionais de “muralha”, “bastião”, “torre”, entre outros, que pressupunham um “povoado fortificado” construído segundo uma lógica militarista.

A argila e a pedra, pelas suas características inerentes, sugerem uma grande plasticidade do sítio, passível de remodelações várias, não incompatíveis com contextos que se querem fixos, resistentes como a própria pedra. Sem querer cair em dicotomias que nos obrigam a pensar por oposição, sugerimos que o espaço construído de Castanheiro do Vento provavelmente não foi um cenário inalterado durante pelo menos mil anos, diante do qual se teriam desenvolvido actividades mais ou menos semelhantes; foi sim, um cenário “fixo” de muita diversidade de estruturas e actividades, o que implica que talvez pelos meados do III milénio a. C. tenha conhecido uma fase de construção particularmente activa.

A argila permite acompanhar o carácter adaptativo da própria comunidade ao meio e aos outros, confere plasticidade a uma arquitectura, a um envolvimento material que não surgiu antes dos indivíduos o ocuparem, mas foi vivido, habitado e por isso continuamente construído por eles. Não podemos apenas falar em cenários fixos onde se desenvolve uma acção, qualquer que ela seja, independentemente dessa própria acção e dos indivíduos que a levaram a cabo. Porque há cenários semi-fixos e móveis. Porque esses cenários alteram-se com a vivência. Por isso, durante centenas de anos, uma estrutura subcircular, apesar de poder continuar com a mesma morfologia geral (carácter mais perene conferido exactamente pelo soco de pedra), pode ter desenvolvimentos distintos na parte super-estrutural, feita de argila e materiais perecíveis. E se isso parece não nos interessar porque essa informação supostamente se perdeu (falamos de arquitecturas em terra), o que não se pode perder é a capacidade de entendermos que a estrutura sub-circular não foi aquilo que hoje parece. Temos de estar abertos àquilo que ela foi para diferentes indivíduos ou grupos que a utilizaram e construíram segundo a sua maneira de entenderem o espaço, os materiais, a realidade deles próprios, e a dos outros, na sua interacção com o meio.

A pedra, como referimos, é utilizada como elemento que de algum modo fixa, que marca um espaço, e por isso inscreve nele um sentido, e como exemplo apontamos o fecho intencional das estruturas subcirculares. Até ao momento foram escavadas seis unidades, e em todas elas se registou a mesma intenção de petrificar um espaço antes aberto, utilizável, onde se podia entrar e sair.

Na estrutura subcircular A, foi possível detectar duas camadas sobrepostas de lajes, a superior recorrendo ao tipo de xisto utilizado na maioria das estruturas pétreas exumadas, de cor cinzenta, formando um nível maciço de pedras, o que corresponderia à parte superior da “condenação”. A segunda “camada”, por assim dizer, era essencialmente composta por grandes lajes de xisto azul formando pequenos espaços abertos (sem pedra), o que provavelmente corresponderia à primeira camada de fecho. Já a estrutura subcircular D apresentava, a noroeste, um conjunto de lajes de xisto dispostas na posição oblíqua, numa espécie de “escamado”. Entre estas lajes foi encontrado um pequeno vaso praticamente inteiro, e esta estrutura repousava sobre uma lareira.

A pedra surge então, na “fase” final das estruturas, como um elemento de condenação, de fecho permanente e de preenchimento maciço, destas mesmas estruturas; mas tal acontece, aparentemente, apenas ao nível da base pétrea, da parte mais resistente de um determinado espaço, tornando fechado aquilo que antes seria uma unidade aberta, transformável, dentro da qual se poderiam realizar deposições, de forma mais ou menos efémera.

3. EM JEITO DE REMATE (AINDA LENDO O SÍTIO)

A arquitectura de Castanheiro do Vento, como criadora constante de novos espaços, não deverá ser entendida como um contentor estanque, impermeável às mudanças (mesmo admitindo que a velocidade da mudança não teria o ritmo da de hoje, mas era feita ora de pequenos passos, pequenos ajustes, ora de mudanças que podiam até decorrer de uma “visão” de conjunto, numa cronologia mais lenta). E este espaço construído também não pode ser pensado enquanto realidade natural pré-existente às comunidades que o ocuparam, que o aculturaram. Adoptando as concepções de Ingold e de Heidegger, qualquer espaço está em permanente construção porque é continuamente “habitado”, no sentido mais geral de que há nele uma constante imbricação entre o geológico/geomorfológico, isto é, o físico, a materialidade, e as modificações, alterações, leituras, conotações que a sociedade lhes dá. Um espaço não é apenas denotativo de funções, mas também conotativo de intenções, de significados, de interpretações. E se Castanheiro do Vento, a confiar nas datações de C14 e na nossa interpretação, teve uma ocupação contínua de cerca de 1300 anos, teremos que admitir Castanheiro do Vento como uma “construção” mais ou menos contínua ou descontínua ao longo deste tempo, por quem o utilizou. E em última análise equacionar a nossa vivência no sítio, a forma como o interpretamos, hoje, arqueólogos, como uma nova etapa da “vida” do local.

E se Castanheiro do Vento não era um contentor estanque e basicamente semelhante ao longo do tempo, também não se encerra em si, não existe fechado intramuros. Castanheiro do Vento faz parte do meio que o envolve, e o meio-envolvente é também parte de Castanheiro do Vento. Estes sítios, de facto, seriam também para ver o entorno e para serem vistos dele. Eram dispositivos cénicos, simbólicos.

A arquitectura “descoberta” no sítio de Castanheiro do Vento, ao longo de seis campanhas de escavação, e confirmada numa sétima (2004), revelou um carácter monumental, na medida em que inscreve no espaço uma durabilidade material, efectiva, e permite uma perduração temporal dessa mesma realidade. Além disso, trata-se de um elemento que parece fixar uma memória colectiva, a lembrar e recriar, num processo dialéctico entre passado, presente e futuro, enquanto peça participante na construção da identidade colectiva, e agente activo na promoção de coesão social, sobretudo em sociedades basicamente segmentárias como a que ali deve ter existido. O sítio é pois muito importante pelo ênfase que lhe foi dado no passado, e pelo ênfase que nós, arqueólogos de hoje, lhe concedemos. Nós redescobrimo-lo, no sentido mais amplo do termo.

Contudo, como se disse, Castanheiro do Vento não deve, nem pode, ser estudado apenas olhando para o sítio em si, mas equacionado no seu meio envolvente, na sua relação com outros locais “construídos” ou “naturais”, tentando ensaios de relações visuais entre todos eles.

A visibilidade do sítio está relacionada com o ângulo de onde se avista; se o observador se mantém fixo ou se o observador se movimenta, o espaço organiza-se de diferentes formas (Távora, 1999:12). Certamente nem todos os sítios desta época eram para serem vistos, ou, em alguns casos, só seriam visíveis de determinados pontos na paisagem. A visibilidade de um sítio pode também nunca ter sido equacionada aquando da sua construção ou utilização, tal como o fazemos hoje, sendo apenas buscada por nós pela importância moderna que damos à visão, e na tentativa de percebermos um espaço que nos é “alheio”, isto é, que não foi produzido pela nossa cultura ou seja que a nossa cultura intui como significando outras cosmovisões, outra percepção do meio, diferente da nossa.

No entanto, o sítio de Castanheiro do Vento parece ter seguido um projecto assente na importância da visibilidade da construção, dado o local onde se implanta, conjugando esforços de populações que provavelmente se distribuíam pela bacia fluvial da Ribeira da Teja, de onde se avista Castanheiro do Vento. Assim, ele desempenharia um papel estruturador das vivências comunitárias. Mas há ainda muito a fazer em próximos anos para entender a diacronia interna do sítio e as complexas acções que dali se podem deduzir, que ficaram “impressas” no detalhe das matérias, das técnicas, dos espaços. É esse trabalho de pormenor, integrando e articulando estruturas e artefactos numa “inteligência” geral do sítio, que está ainda inteiramente por fazer.

4. BIBLIOGRAFIA

- DETHIER, Jean (1993), *Arquitecturas de Terra. Trunfos e potencialidades de um material de construção desconhecido: Europa, Terceiro Mundo, Estados Unidos* (catálogo de exposição), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FISCHER, Gustave-N. (1994), *Psicologia Social do Ambiente: Perspectivas Ecológicas*, Lisboa, Instituto Piaget.
- FREITAG, Michel (2004), *Arquitectura e Sociedade; Arte e Sociedade*, Lisboa, Dom Quixote.
- GUILLAUME, Marc (2003), *A Política do Património*, Porto, Campo das Letras.
- INGOLD, Tim (2000), *The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*, Londres, Routledge.
- JORGE, Susana Oliveira (2003), “Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica”, in *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.13-50.
- JORGE, Susana Oliveira (2003), “Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão”, in *Arquitectando Espaços: da Natureza à Metapolis*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.63-84.
- JORGE, Susana Oliveira, (2004), “Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins”, *Sinais de Pedra – 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.
- JORGE, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2003), “Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2003), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 5.
- JORGE, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2003), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (Vª Nª de Foz Côa)”, *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/ Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp.79-114.
- JORGE, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2002), “Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93.
- JORGE, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2002), Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/ Bronze age sites in northern Portugal”, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp.36-50.
- JORGE, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá, Vale, Ana Margarida (2004), “O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª. Nª. de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório”, *Côavisão, Cultura e Ciência*, 6.
- JORGE, Vítor Oliveira, (2003), “Quando o humano deixou de ser natural”, *Da Natureza à Megapolis*, Porto/Coimbra, FLUP/DCTP – CEAUCP, pp.11-62.
- TÁVORA, Fernando (1999), *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações.
- VALE, Ana Margarida (2004), “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa). Contributos para o estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000)”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XLIV, Fasc. 3-4, Porto, SPAE.

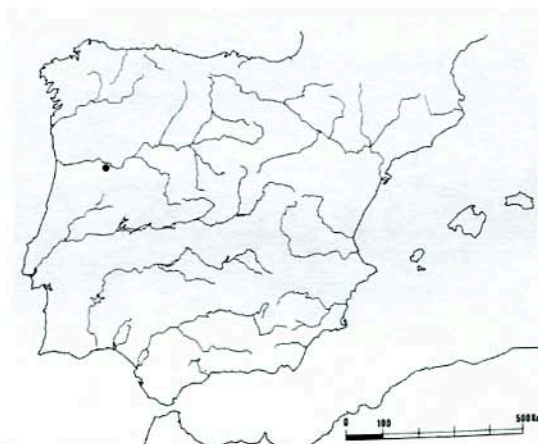


Fig. 1 – Localização de Castanheiro do Vento na Península Ibérica



Fig. 2 – Localização genérica (seta) do Castanheiro do Vento na “Carta Militar de Portugal”, folha n.º 140 – Touça, esc. original 1/25.000, aqui muito reduzida.

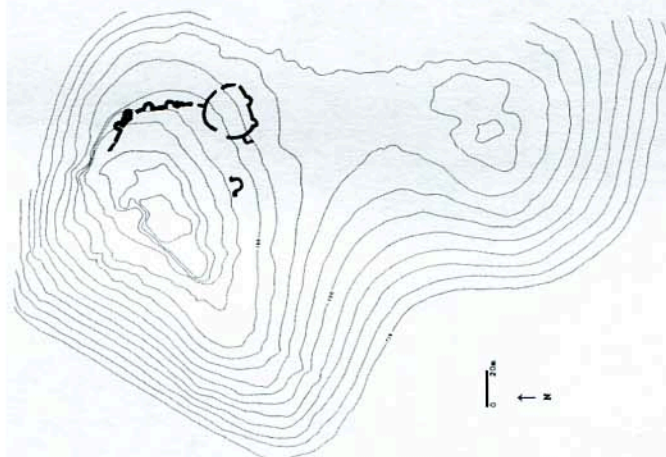


Fig. 3 – Planta geral muito preliminar do topo da estação, com a implantação esquemática dos muretes da parte da periferia do recinto superior já escavada. Equidistância das curvas de nível 1 m. O Norte encontra-se para a esquerda do observador. A escala gráfica corresponde a 20 m.



Fig. 4 – “Bastião” ou “estrutura subcircular” A. Camada basal de condensação.



Fig. 5 – “Bastião” ou “estrutura subcircular” D. Aspecto geral das lajes de xisto azul, dispostas em “escamado” (à esquerda).



Fig. 6 – Aspecto geral da estrutura G, vendo-se em primeiro plano duas estruturas de menor dimensão em “bacia” (2004).



Fig. 7 – Aspecto geral da escavação arqueológica (2004), numa das áreas (zona sw) do recinto “secundário”. À esquerda, murete deste recinto; para a sua direita, troço de um outro murete.